

Doriel Wlandimir de Oliveira, 47 anos, 16 de pregação evangélica em Brasília, candidato a deputado federal pelo PFL. Pastor de 10 mil almas cadastradas, com carteirinha e direito a conforto espiritual, exorcismo eventual, óleos abençoados para os mais diversos males do corpo e terrenos no céu para depois da morte física. Ou, como prefere ser chamado, "um pregador do evangelho poderoso".

Para as duas entidades que representam a comunidade evangélica em Brasília, no entanto, Doriel de Oliveira não passa de um aproveitador, tanto que, em 1978, foi expulso do Conselho de Pastores do DF e teve seu ingresso vetado no Grupo Evangélico de Ação Política, criado para defender os interesses da comunidade junto ao poder constituinte. "Para nosso alívio ele não tem nada a ver com o Geap", afirma o presidente Euler de Moraes. Doriel tem um grave defeito para a comunidade evangélica: mistura os interesses espirituais da igreja com seus interesses particulares e materiais.

Todo poderoso chefe da Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus, mais conhecida como Casa da Bênção, Doriel de Oliveira prefere creditar as críticas feitas à sua pessoa a "gente que não acredita em Deus, certamente comunistas". Ser comunista, para Doriel, deveria ser pecado capital. "Se quiserem eu arranjo milhares de fiéis para provar que eu faço curas mesmo, livrei muitas gente do álcool e das drogas".

Para o leitor Elias Assad, no entanto, ele deveria ser simplesmente cassado, impedido de continuar candidato. "Ele está explorando a miséria do povo que o rodeia, vendendo flâmulas, fitas e adesivos com o nome dele e a legenda pela qual concorre". Para Assad, Doriel é "pior que Múcio", engana o povo com base na fé religiosa.

Doriel nega tudo. "Não tem carnê nenhum". Quando a repórter insiste em que há carnês, ele reconhece, mas desmente que o dinheiro seja usado para a campanha política: "A contribui-

DORIEL, UM PREGADOR:

*Os que me criticam
são comunistas, que
não acreditam em Deus*



ção para a igreja é normal, temos que pagar água, luz, telefone, funcionários, há despesas de escritório". E acrescenta, irritado, que "é dever do povo contribuir para a igreja".

E de onde vem o dinheiro para a campanha? Sem titubear, Doriel entrega jogo: "São meus amigos e companheiros de partido, os candidatos ao Senado Osório Adriano Filho e Benedito Domingos que estão pagando tudo". As pessoas que trabalham para ele são "irmãos aqui da Casa da Bênção, que estão ajudando sem cobrar nada". Num claudicante português, o esperto pastor conclui: "convido quem quiser para vir aqui presenciar as reuniões, ver os milagres e a minha pregação".

Para o restante dos evangélicos brasilienses, Doriel é uma pedra incômoda no sapato. Ele tem seus seguidores, mas não é aceito pela comunidade: "Sua proposta

religiosa é incompatível com a proposta do restante das igrejas", afirma Joanir de Oliveira, outro candidato que os evangélicos apóiam para a Câmara. Doriel desempenhou a regra básica dos pastores, que é jamais misturar política e religião no momento da campanha: o pastor-candidato deve abandonar temporariamente a vida religiosa e agir somente como veículo das reivindicações da comunidade.

O Geap duvida que Doriel seja eleito. O lobby evangélico está todo voltado para Joanir de Oliveira, membro do Conselho e militante de muitos anos na religião. Doriel, ao contrário, já se considera deputado, e conta para isso com os dez mil votos de seus fiéis, que costumam seguir à risca todas as determinações de seu pastor, sem nenhuma visão crítica nem dúvidas sobre a verdade que é dita todas as noites na Casa da Bênção: "abaixo o comunismo e salve Deus!"